

## **- VII - Descobrimo a Coragem**

Enquanto a lua se escondia por detrás de uma nuvem mais escura, era grande o sentimento de satisfação que invadia a Equipa. Conquistar aquela peça não tinha sido especialmente difícil, mas tinha provocado neles o desejo de ir mais além, sentiam reforçada a confiança em si próprios e na capacidade que teriam para ultrapassar os obstáculos que haveriam de chegar.

“A noite ia ser longa”, pensou Luísa, enquanto se preparavam para abandonar o jardim. “Falta o Paulo”, alertou Raquel. Viraram-se para trás e deram com Paulo, parado no caminho, a olhar atentamente para a caixa. “Vejam o que aqui está escrito”, chamou ele. No lado de dentro da tampa encontrava-se gravada a frase: Para conquistares a segunda peça, descobre a coragem que escondes dentro de ti.

Dois hologramas minúsculos surgiram nos extremos da caixa. Eram pequenos guerreiros indígenas a tocar tambor, de uma forma lenta, mas ritmada. Instantaneamente, num dos cantos do jardim, outros tambores se fizeram ouvir. Assustados, olharam em redor tentando vislumbrar de onde vinha aquele som, mas nada conseguiam ver. Fecharam a caixa e de imediato o som dos tambores cessou. Olharam-se intrigados, mas ao mesmo tempo curiosos. Vencendo o receio, voltaram a abrir lentamente a tampa daquela estranha caixa de música e, como esperado, os dois pequenos hologramas surgiram e começaram novamente a tocar os tambores. A um canto do jardim outros tambores voltaram a juntar-se ao ritmo que os dois pequenos indígenas impunham. Aos poucos outros tambores fizeram-se ouvir, vindos de todo o lado, envolvendo o grupo, como se mil tambores tivessem de repente acordado.

Junto à Equipa um pequeno triângulo azulado começou a formar-se no vazio. Quanto maior era o ritmo dos tambores, mais intensa era a luz que o triângulo emanava. Ao fim de alguns momentos, um objeto também ele triangular, surgiu no centro do triângulo. Olhavam-se uns aos outros, receosos, a confiança que ainda há pouco sentiam, caída por terra. Foi então que, vencendo o temor que o dominava, o Álvaro se dirigiu para junto do triângulo e, estendendo a mão, pegou na peça que ali se encontrava.

De imediato, a caixa fechou-se, o som dos tambores e o triângulo azulado desvaneceram-se numa maré de silêncio.

Ora ali estava uma aventura digna de ser registada, recordada nas noites sem fim que teriam pela frente, pensou Luísa, enquanto se reuniam à volta de Álvaro que, naquela noite, descobrira a coragem que pensara nunca ter.

“Alguém tem alguma coisa que se coma?”, foram as primeiras palavras de Álvaro desde que tinham saído da mansão de Vicente rumo à represa e aos restos da fogueira que os aguardava. “Como é que tu podes pensar em comer”, respondeu-lhe António, “depois da experiência fantástica que

acabamos de viver?”






“Sei lá eu?” continuou Álvaro, “Os nervos fazem-me fome!”. Raquel puxou-o para si e enquanto lhe esfregava a farta cabeleira com vigor, deu-lhe para as mãos um pacote de bolachas torradas, as suas preferidas. Enquanto Álvaro se sentava a devorar as bolachas, juntaram-se ao pé da fogueira, agora mais viva graças aos ramos secos que Jaime lhe juntara e analisaram o documento que tinham trazido da casa. Era um documento antigo, já bastante amarelecido pelo tempo, escrito à mão. As letras estavam já bastante esbatidas, quase impercetíveis.

“Não vos cheira a limão?” perguntou Álvaro enquanto terminava o pacote de bolachas. “Uma limonada vinha mesmo a calhar”. “Este desgraçado só pensa em comer”, criticou António. “Não, não” cortou Luísa, “ele tem razão, cheira a limão, e o mais estranho é que à nossa volta não há um único limoeiro”. Olharam uns para os outros, a mesma resposta a formar-se nos lábios de cada um. Paulo pegou no documento, aproximou-o do fogo e, como por magia, uma imagem surgiu gravada no documento. Tinham ali a pista que necessitavam para a próxima missão.

2ª Missão

# Memórias de um Clã

Palavra-Chave: Aventura

<p><b>Passado</b></p> 	<p>Recuem o mais que conseguirem no tempo e procurem conhecer o maior número de atividades que marcaram a história do vosso Clã. Construam uma linha do tempo no vosso Albergue com essas atividades.</p>
<p><b>Futuro</b></p> 	<p>Imaginem a vossa Caminhada de sonho. Construam o painel dessa Caminhada, com todos os elementos necessários.</p>
<p><b>Tarefa Bónus</b></p> 	<p>Construam uma maquete de um acampamento (pórtico, tendas, vedação, oração, mesa, cozinha, porta mochilas e torre de vigia)</p>
<p><b>O que entregar? O que pontuar?</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foto da linha do tempo</li> <li>• Foto do Painel da Caminhada</li> <li>• Foto da maquete</li> </ul>
<p><b>Sistema de Progresso</b></p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Confiança, Decisão e Compromisso.</li> <li>• Unidade</li> <li>• Missão e Aprendizagem.</li> <li>• Filtrar, Rumo, Estratégia e Criatividade.</li> <li>• Participação e Equipa.</li> </ul>
<p><b>Curiosidades</b></p> 	<p><b>Sabias que:</b> No início do CNE as estruturas de base local eram as Unidades (Alcateias, Grupos e Clãs) filiavam-se autonomamente, tinham uma bandeira da cor dos lenços da secção e recebiam um número regional. Em 1955 adotou-se o sistema de organização local em Agrupamentos que congregavam as Alcateias, Grupos e Clãs numa única estrutura local com filiação e número nacional. Mais tarde passaram também a ter bandeira própria.</p>